

As Ondulações do Tempo Presente: *En La Cresta da Ola*

Resenha da obra:

ALLIER MONTAÑO, Eugenia; ORTEGA, César Iván Vilchis; OVALLE, Camilo Vicente, (Coord.) **En la cresta de la ola. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, Bonilla Artiga Editores, 2020.

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

 **Guilherme Da Conceição De Lima**
Universidade do Estado de Santa Catarina.
Florianópolis, SC – BRASIL
lattes.cnpq.br/6259918724841662
guilherme.2lima@gmail.com
 orcid.org/0000-0002-8022-1772

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180315402023e0401>

Recebido: 17/04/2023

Aprovado: 30/08/2023



As Ondulações do Tempo Presente: *En La Cresta da Ola*

Resenha da obra:

ALLIER MONTAÑO, Eugenia; ORTEGA, César Iván Vilchis; OVALLE, Camilo Vicente, (Coord.) **En la cresta de la ola. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, Bonilla Artiga Editores, 2020

Como estudar o presente e seus processos quando eles ainda estão ocorrendo? Qual o peso, para o ofício do historiador, de ser

testemunha dos acontecimentos, e até mesmo o de estar envolvido com esses eventos? Quanto o envolvimento com assuntos e temas sensíveis pode ser benéfico ou prejudicial ao profissional da História do Tempo Presente? Essas e outras questões são levantadas por diversos historiadores e pesquisadores da História do Tempo Presente no livro *En la cresta de la ola. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente*. O livro foi organizado pelos historiadores Camilo Vicente Ovalle, César Iván Vilchis Ortega e Eugenia Allier Montaño, da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Os autores buscaram realizar um “diagnóstico” acerca da área da História do Tempo Presente (HTP) na América Latina, tendo em vista os principais preceitos do campo, ou seja, temáticas, conceitos, fontes e metodologias utilizados na construção da História do Tempo Presente na América Latina.

A obra *En La Cresta de la Ola* busca entender-lhe os meandros, tendo em vista suas principais particularidades: a centralidade do testemunho e da memória, o lugar central do acontecimento nas narrativas e as múltiplas temporalidades (2020, p. 20). Essas características acabam por transformar o historiador em um *expert*, pois a História do Tempo Presente se converteu em um “campo de

experiência”, como bem definiu Reinhart Koselleck (KOSELLECK, 2014). O livro, em sua introdução, trata sobre as múltiplas formas de se designar a historicização da temporalidade dos acontecimentos considerados próximos: presente, imediato, recente, vivido, atual, coetâneo. Para os autores, o termo História do Presente é mais assertivo enquanto definição, pois possibilita uma compreensão global dessa subdisciplina da História (2020, p. 20).

O livro é composto por 19 capítulos, redigidos de forma ensaística, sendo dividido em três seções. Estas foram organizadas tendo em vista a discussão epistemológica na construção desse campo interdisciplinar (2020, p. 21). A primeira seção é intitulada *Debates y definiciones*. Tem como texto inicial *Historia y tiempo presente. La zona de la experiencia desnuda* (2020, p. 34), de autoria de Ilán Selmo, que aborda o que, em termos epistêmicos, define este campo de estudo. Busca discutir as nuances do que faz o tempo ser uma ordem social sensível, em que os agentes sociais em meio às suas subjetividades estabelecem suas ações e percepções. Selmo afirma que esse processo contribuiu para a sensação temporal de alongamento do presente, partindo para a mudança do regime da historicidade e do imaginário histórico da época (2020, p. 48).

O segundo capítulo é de autoria de uma das organizadoras do livro, Eugenia Allier Montaño. O texto *El tiempo presente em la historia: generaciones, memoria y controversia* (2020, p. 50) está dividido em quatro partes. Na primeira, a autora realiza um histórico da emergência da História do Tempo Presente na França e na América Latina. Dando prosseguimento ao texto, Montaño disserta sobre sua visão do campo e dos debates que facilitam a compreensão desse fazer histórico e dos eventos investigados (2020, p. 61). Na terceira parte do capítulo, a historiadora se concentrou na discussão sobre campos similares ao da História do Presente (2020, p. 65). Por fim, são destacados os desafios para a historização do presente (2020, p. 76).

O terceiro capítulo, de autoria de Guadalupe Valencia García, possui o seguinte título: *El tiempo social: una visión transdisciplinaria*. A autora afirma que o estudo do tempo precisa se valer de um viés transdisciplinar. A troca de conhecimentos entre diversas áreas do saber alimenta e compartilha um mesmo vocabulário em relação ao entendimento do tempo (2020, p. 86). Segundo

Guadalupe, convém ao historiador “adotar a dimensão de tempos e mundos, pois este acaba por lidar com múltiplas temporalidades. [...]” (2020, p. 93).

Prosseguindo na primeira seção, temos *Dos temas paralelos al auge de la historia del tempo presente: el tiempo histórico y las relaciones entre historia y memoria*, de autoria de Rogélio E. Ruiz Ríos. Realizando uma breve introdução sobre presentismo, o autor ressalta que o tempo é uma fonte de inquietude para o historiador, fazendo com que muitos profissionais repensem o tempo histórico e as temporalidades. Neste contexto, destaca que, embora memória e história sejam diferentes, elas são inseparáveis, correlacionando-se na urgência de incorporar as experiências pessoais e as dos outros (2020, p. 119).

Em *Emociones e historia reciente: hacia una refiguración de la distancia histórica*, Cecilia Macón reflete sobre a permanência do passado no presente por meio da força ressignificante das emoções (2020, p. 120). Para a historiadora, a análise da dimensão afetiva ou emocional permite introduzir uma noção revisada da distância histórica, particularmente útil na hora de focar as questões da história do Tempo Presente (2020, p. 121). Macón ressalta a ansiedade como característica emocional do tempo presente; daí da importância de se observar melhor a relação íntima entre temporalidades e afetos, formando parte das subjetividades de quem indaga e interpela o passado (2020, p. 140).

Frederique Langue, em *Memoria y emociones de un tiempo presente latinoamericano*, propõe um debate sobre a História do Tempo Presente e o contexto de desenvolvimento na América Latina (2020, p. 140). A autora relaciona a memória de um tempo autoritário com a esfera política em que as emoções coletivas e os ressentimentos desempenham papel fundamental. Langue se vale das ideias do historiador Henry Rousso, enfatizando que, nas “sociedades de memória”, esta passou a ser “um valor essencial”, ao ponto de se instituir como um “direito humano” (2020, p. 163).

No capítulo *Historia conceptual e historia del presente: ¿por qué los conceptos importan cuando se narra la historia coetánea?*, Gabriela Rodríguez Rial discute a dificuldade de se conceitualizar a experiência da História do Tempo Presente (2020, p. 164). Ela reflete sobre o entrelaçamento da história conceitual com a História do Tempo Presente, pois essa correlação auxilia na compreensão

da narrativa histórica – desde o contexto de sua enunciação até o conteúdo ao qual o enunciado se refere (2020, p. 186).

Finalizando a primeira seção, Eugenia Allier Montaño, no capítulo *Ética y política en el historiador del tiempo presente*, afirma que o historiador do Tempo Presente se defronta com passados recentes ainda latentes. Tal fato faz com que o pesquisador assuma posições éticas e políticas que historiadores de outros campos acabam não tendo que evidenciar em suas pesquisas (2020, p. 188). Contudo, como a Montaño sublinha, a ética é uma questão pessoal; por isso, cada pesquisador realiza seu trabalho de acordo com suas visões de mundo enquanto indivíduo. Para a autora, o mais importante, neste contexto, é o fato de o historiador estar comprometido com o rigor científico de sua profissão (2020, p. 206).

A segunda seção do livro, *Fuentes y Metodologías*, é inaugurada com o texto *Historia reciente de América Latina como outsider: investigar el pasado cercano de una tierra extranjera*, no qual Benedetta Calandra procurou refletir sobre a experiência do historiador ao pesquisar temas do passado recente fora de seu país e de seu continente de origem. Por ser italiana, ela se defrontou com desafios e questões peculiares quando começou seu estudo sobre as violações dos direitos humanos e sobre o processo de transição no Cone Sul, especialmente no Chile e na Argentina (2020, p. 225). Para Benedetta, embora ser uma historiadora *outsider* tenha acarretado estranhamentos e resistências, trabalhar com o passado recente fora de sua dimensão espacial favoreceu um diálogo sobre metodologias, terminologias e temáticas (2020, p. 247).

No capítulo *Maneras de testimoniar en situaciones de abuso sexual*, Fernando M. González discute o tema sensível dos abusos sexuais e como este deve ser abordado no estudo dos testemunhos (2020, p. 248). Segundo o autor, o abuso sexual produz um sentimento de culpa e culpabilização da vítima, relacionados a um suposto consentimento, vergonha e sujeição a esse tipo de violência. O investigador percebeu que o silêncio das vítimas foi quebrado devido a motivos variados. Todavia, destaca o fato de as pessoas falarem dessa experiência dolorosa visando evitar que o autor do crime sexual continue a produzir novas vítimas (2020, p. 283).

Juan Sebastián Granada-Cardona contribui para a obra com o capítulo *Las víctimas em la historia del presente: un peligroso (en)canto de sirenas*. O autor levanta questionamentos acerca de alguns cuidados que o pesquisador deve ter quando lida com as noções vítima/vitimário na História do Tempo Presente (2020, p. 285). Nesse “cenário” da memória da vítima perante a “história oficial”, temos embates entre as diferentes visões. Para Granada-Cardona, as vozes das vítimas e dos vitimários podem ser um perigoso encanto de sereias, já que, por vezes, ocultam e inviabilizam outras visões da História (2020, p. 310).

Alicia de los Ríos Merino, em *Entrevistar perpetradores de violencia en el siglo XXI. Problemas e intersecciones entre historia oral e historia del presente*, buscou debater a questão dos testemunhos dos responsáveis por violações de direitos humanos no contexto de história oral e da História do Tempo Presente (2020, p. 311). Para a autora, essa é uma seara pela qual o estudioso não deve transitar de modo ingênuo, uma vez que ele deve se armar das metodologias adequadas para tal (2020, p. 328).

Em *Archivo y las huellas del presente*, Camilo Vicente Ovalle aborda de que modo os arquivos, de maneira geral, podem contribuir para a História do Tempo Presente, e para tencioná-la (2020, p. 330). Ovalle mostra que o direito à informação e o acesso à documentação oficial do Estado são fundamentais para se contrapor à “história oficial” autoritária. Esse ocultamento de informações no espaço público inviabiliza a construção de outras narrativas, mais democráticas e justas (2020, p. 346).

Tratando também de fontes, mas de um tipo surgido na segunda metade do século XX, temos o capítulo *Televisión e internet: fuentes para una historia del tiempo presente*, de autoria de César Iván Vilchis Ortega. No texto, o estudioso reflete sobre como os produtos oferecidos pela televisão e a internet são fontes de grande importância para a pesquisa histórica. Dividido em três partes, o capítulo aborda, inicialmente, as mudanças sobre como a historiografia ocidental conceitualizou o que se pode entender como fonte e a maneira de inquiri-la. Neste caso, a História do Tempo Presente se depara com uma imensidão de fontes a que se referem seus temas de estudo (2020, p. 351). A segunda parte do texto aborda uma dessas fontes, a televisão, e como seu impacto imagético atravessou

a sociedade (2020, p. 356). O último excerto do texto discute questões colocadas pelos materiais produzidos pela *internet*, que pode ser considerada como um grande repositório de fontes, pois inúmeros documentos, textos, artigos, livros, áudios e vídeos ali estão acessíveis aos usuários. Esse novo “mundo” possibilita a construção da História do Tempo Presente e deve ser problematizado (2020, p. 362).

Encerrando a segunda parte da obra, temos o capítulo *El Sol de Sinaloa: una fuente para reconstruir la historia del tiempo presente sobre la violencia política en México a finales del siglo XX*, de Sergio Arturo Sánchez Parra. No texto, o autor apresenta uma reflexão acerca do papel da imprensa regional para os estudos da História do Tempo Presente (2020, p. 369). Dividido em cinco seções, o texto de Parra se inicia abordando a imprensa em geral e a História do Tempo Presente a partir do Jornal *El Sol de Sinaloa* (2020, p. 377). Na segunda parte, discute a questão do enquadramento do **El Sol de Sinaloa** como fonte, inteirando-se de suas virtudes e problemas (2020, p. 378). O terceiro excerto aborda o modo como o historiador construiu e utilizou uma base de dados para sua pesquisa (2020, p. 384). A quarta seção pondera sobre a metodologia de análise, observando o tratamento da imprensa a respeito do fenômeno guerrilheiro no México (2020, p. 386). O último trecho do texto discute como o referido jornal acabou por interpretar a guerrilha e seus líderes (2020, p. 388).

A Terceira e última seção, *Construcción de los campos, temáticas y balances historiográficos*, composta por quatro artigos, se inicia pela contribuição de Rodolfo Gamiño Muñoz, *La historia vivida y el estudio de la violencia en México: conflictos historiográficos y dilemas metodológicos*. No texto, Muñoz busca pôr em perspectiva as deficiências no México para estabelecer um modelo analítico-histórico acerca dos estudos sobre a violência política do presente (2020, p. 407). Com o objetivo de evidenciar essas carências, faz um balanço da ressonância do discurso histórico da escola dos *Annales* na historiografia mexicana e o fato de esta, em certa medida, ter desvinculado a História do político e das questões relativas à política (2020, p. 413). Rodolfo Gamiño Muñoz pontua que a História do Tempo Presente deve dar preferência à formulação de narrativas que deem visibilidade às múltiplas memórias dos fenômenos (2020, p. 424).

Marina Franco, em *Consideraciones sobre política e historiografía: el campo de la Historia Reciente en la Argentina*, se debruça sobre como a política e a historiografia se entrecruzam para compor a história recente na Argentina (2020, p. 426). Os fatos recentes nesse país foram acompanhados do movimento dos outros países do Cone Sul, atravessados por ditaduras militares autoritárias e violentas. No caso argentino, este se caracterizou pela dimensão da violência e do terrorismo de Estado, bem como por políticas de memória e reparação (2020, p. 435). Essa consolidação de uma nova perspectiva historiográfica sobre o tema é detalhada pelos indicadores expostos por Franco, sejam quantitativos e/ou qualitativos. Valendo-se desses argumentos, o texto demarca que a política e a politização têm influenciado profundamente o campo da história recente na Argentina, de ponta a ponta (2020, p. 445).

Também lidando com um tema do passado recente argentino, temos o capítulo escrito a quatro mãos por Silvina Jensen e Soledad Lastra, *Reflexiones sobre el campo de estudios de los exílios en Argentina (1996-2016)*, (2020, p. 446). Acompanhando o boom da memória sobre o passado ditatorial, Lastra e Jensen organizaram sua participação no livro dividindo o texto em quatro partes: *Representaciones públicas del exilio: entre el boom setentista y la normalización de la memoria dictatorial* trata sobre os sentidos do exílio perante a irrupção do passado da militância na esfera pública e do assentamento de uma memória oficial sobre o terrorismo de Estado (2020, p. 448); *El nacimiento del campo de estudios de los exílios políticos en Argentina* trata da maneira empregada para estabelecer o espaço de estudos sobre o exílio político argentino até seu reconhecimento oficial no país (2020, p. 454); *Temas y problemas en la investigación académica del exilio argentino de los años setenta* explica de que modo as agendas que envolvem o tema foram aparecendo nas narrativas (2020, p. 457); as autoras finalizam o capítulo definindo que o campo de estudos acerca dos exílios pode ser entendido pelos ritmos e sentidos expostos nas lutas pela memória no âmbito público argentino (2020, p. 466).

O último capítulo da obra, intitulado *El campo de investigaciones sobre la historia reciente en Brasil, de su formación al estado actual*, do historiador Rodrigo Patto Sá Motta, aborda a discussão historiográfica no Brasil. Para o autor, a História

do Tempo Presente no país se tem ampliado e consolidado especialmente a partir das disputas políticas ocorridas na sociedade nos últimos anos. Isso se deve, sobretudo, às polêmicas que o passado recente suscita no Brasil, especificamente o que se relaciona à ditadura militar, implementada entre 1964 e 1985 (2020, p. 469). Patto Sá Motta finaliza sua contribuição ressaltando a importância de os pesquisadores da História do Tempo Presente no Brasil “tomarem partido” em suas narrativas, dada a crise política interna que ameaça as instituições democráticas brasileiras (2020, p. 493).

Nas considerações finais, os organizadores realizam um prognóstico sobre a História do Tempo Presente enquanto “ferramenta” da ciência histórica para compreender os dilemas das sociedades atuais. Suas principais características acabam por incorporar as tensões políticas do período em que nasceu, evidenciando, por essa condição, a necessidade de seu surgimento enquanto campo historiográfico. A memória traumática, as diferentes formas de violência que ainda permanecem nas sociedades são demandas que fazem com que a História do Tempo presente seja um mecanismo para entender esses processos, tendo espaço e presença em ambientes como os meios de comunicação e o Judiciário. Devemos, por isso, ressaltar a importância do campo, pois ele constitui um fundamental suporte para a compreensão do nosso presente histórico.

Eugenia Allier Montaño, Camilo Vicente Ovalle e César Ián Vilchis Ortega acabaram, por fim, organizando um trabalho basilar para uma análise concisa da situação atual da História do Tempo Presente na América Latina. A História recente da região é uma sucessão de acontecimentos sensíveis, envolta por ditaduras e governos autoritários, desastres naturais e humanitários geradores de grandes traumas, além de mudanças radicais na esfera sociopolítica em curtos períodos. Estas temáticas, muitas vezes, são questões encravadas na memória social e dos sujeitos, delineando um passado candente que se estende, sendo e fazendo-se presente ao ponto de, quase se perder, de alguma maneira, a noção do quanto o passado tem de presente e o quanto o presente tem de passado.

A obra, então, se revela como um aporte extremamente útil, produtivo, e até mesmo necessário, ao historiador e à área da História do Tempo Presente na América Latina. Por meio dos prognósticos a respeito dos objetos de estudo e

As Ondulações do Tempo Presente: En La Cresta da Ola
Guilherme Da Conceição De Lima

especificidades do campo, os autores delineiam formas, formatos e meios de se lidar com as mais variadas fontes e temas abordados pela História do Tempo Presente. Ao mesmo tempo em que apontam lacunas e perigosos “cantos de sereia” que a área pode apresentar ao ofício do historiador, o livro também se torna uma ferramenta norteadora, auxiliando os historiadores, e demais pesquisadores, em seus trabalhos com o tempo presente e o passado recente.

Referências

ALLIER MONTAÑO, Eugenia; ORTEGA, César Iván Vilchis; OVALLE, Camilo Vicente. (Coord.). **En la cresta de la ola. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Bonilla Artiga Editores, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre a História. Rio de Janeiro: Editora PUC/Rio, 2014.